REVISTA Mosaicum
ARTIGO
Recebido
20 abril 2025
Aprovado
30 maio 2025

ETNOGRAFIA E MICROETNOGRAFIA EM INTERAÇÃO LINGUÍSTICA: OLHARES E PERSPECTIVAS CRÍTICAS

ETHNOGRAPHY AND MICROETHNOGRAPHY IN LINGUISTIC INTERACTION: CRITICAL VIEWS AND PERSPECTIVES

Leidiane Maria Magalhães Nascimento
Mestranda em Linguística (Universidade Federal do Piauí)

Silvestre José Pinto
Mestrando em Linguística (Universidade Federal do Piauí)

DOI https://doi.org/1026893/rm.V41.i41.579

Resumo: Neste artigo propomos descrever e analisar alguns eventos da fala de alunos e professora em situação de interação em contexto formal de sala de aula. Para tanto, nos valemos dos postulados sociolinguística interacional de Gumperz (1974) e Dell Hymes (1972), da descrição etnográfica de Erickson (1988), dos estudos microanalíticos de sala de aula de Erickson (1988), da sociolinguística educacional no Brasil de Bortoni-Ricardo (2005) e dos estudos etnográficos de Costa (2014). Metodologicamente, este trabalho se situa na descrição etnográfica de sala de aula posto em Erickson (1988), por meio da observação em sala de aula e registro das situações de interação em áudio. Os resultados desta pesquisa apontam que a dinâmica da sala de aula e a relação entre o professor e aluno passam por um processo de transformação gradual na condução do ensino, sinalizando uma interação maior entre professora e alunos.
Palavras-chave: Etnografia. Sociolinguística Interacional. Ensino. Interação.

Abstract: In this article, we propose to describe and analyze some speech events of students and teacher in a situation of interaction in a formal classroom context. To this end, we draw on the postulates of interactional sociolinguistics by Gumperz (1974) and Dell Hymes (1972), the ethnographic description by Erickson (1988), the microanalytical studies of classrooms by Erickson (1988), the educational sociolinguistics in Brazil by Bortoni-Ricardo (2005) and the ethnographic studies by Costa (2014). Methodologically, this work is situated in the ethnographic description of classrooms set forth by Erickson (1988), through classroom observation and audio recording of interaction situations. The results of this research indicate that the dynamics of the classroom and the relationship between the teacher and student undergo a process of gradual transformation in the conduct of teaching, signaling greater interaction between teacher and students.
Keywords: Ethnography. Interactional Sociolinguistics. Teaching. Interaction.

INTRODUÇÃO

A sala de aula é o espaço onde se desenvolve boa parte das atividades de ensino-aprendizagem. Tais atividades são mediadas pela linguagem, que, no caso brasileiro, se materializa na utilização, principalmente, da língua portuguesa. Portanto, um passo fundamental para se compreender os resultados de uma prática de ensino começa com a compreensão daquilo que acontece durante a aula. Daí nosso interesse em descrever e analisar os eventos da fala presentes em algumas aulas de língua portuguesa para alunos de ensino fundamental.

Estudos recentes de Costa (2014), bem como os de Pereira e Nascimento (2014) apontam que o ensino da língua portuguesa ainda se encontra enraizado nos moldes tradicionais de ensino, em que uma das principais características diz respeito ao monopólio da fala pelo professor durante boa parte do decorrer das atividades de sala de aula. Ainda em Costa (2014) encontramos pesquisas que indicam a escola como a principal porta de acesso aos bens culturais pelos alunos que ingressam no sistema oficial de ensino.

Sem a pretensão de esgotar o assunto, mas, antes lançar um olhar apreciativo para as seguintes questões norteadoras deste trabalho: a construção do conhecimento de maneira colaborativa torna-se mais efetiva, na sala de aula, quando a aula é dialogada? É possível que a troca de conhecimentos advindas da interação entre professora e alunos, em sala de aula, promova uma aprendizagem significativa em uma turma do 6° Ano do ensino fundamental? Para responder a esses questionamentos, elencamos como objetivos desta pesquisa: descrever os eventos de fala presentes nas aulas de língua portuguesa de uma turma de 6° Ano do ensino fundamental de uma escola pública da capital piauiense; analisar a interação entre professor e aluno durante as aulas de língua portuguesa em uma turma de 6° Ano do ensino fundamental.

Essa pesquisa se justifica pela necessidade que existe em apontar os avanços e/ou retrocessos nos processos de ensino-aprendizagem da língua portuguesa. Bortoni-Ricardo (2005) nos diz que a escola brasileira é orientada para o ensino da norma culta. Toda e qualquer variedade que se apresente na escola é altamente condenável e não absorvi-

da pelos programas de ensino. Por conta disso, sentimos o interesse na investigação da interação nesse nível de ensino, uma vez que é um dos primeiros níveis de aprendizagem formal do ensino da língua.

Este trabalho se torna relevante porque trará resultados inéditos acerca da interação em sala de aula, pois sabemos que a língua portuguesa apresenta um leque de variações que, muitas vezes, não é levada em conta pelo professor na situação de ensino-aprendizagem. Dessa forma, compreender como se dá o processo interativo entre professor e aluno é fundamental para se analisar os avanços educacionais almejados pelas propostas de ensino.

Um dos aspectos que se torna importante por revelar explicações acerca da utilização da língua em uso é a noção de contexto. Elemento decisivo para a compreensão das trocas dialógicas entre os falantes, esse conceito ajuda a explicar determinados fenômenos linguísticos que as teorias formalistas foram incapazes de fazê-lo. Assim, o contexto considerado nessa pesquisa reúne um conjunto de elementos extralinguísticos que diz respeito ao falante,ao ouvinte, às situações de comunicação, ao assunto, aos aspectos psicológicos, dentre outros.

Por isso, este trabalho tem um viés etnográfico descritivo denso, pois apoiamo-nos nos estudos etnográficos de Erickson (1988) e Geertz (2017) e na microanálise etnográfica de Erickson(1988) e Bortoni-Ricardo (2005). A etnografia como estudo macro da sociedade pretende desvelar os fenômenos subjacentes à cultura de um determinado povo. Já a microanálise se volta para eventos situados de um grupo em processo situado de interação e aplica as técnicas etnográficas para explicar a interação nesses espaços, como a sala de aula, por exemplo.

Neste trabalho, adotamos a perspectiva microetnográfica por considerarmos a mais adequada para nosso objetivo, qual seja descrever e analisar os eventos de fala de professor e aluno em contexto de sala de aula.

SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL E A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA

Conforme Bortoni Ricardo (2011), a sociolinguística interacional tem nos trabalho de John Gumperz (1964) e nos de Dell Hymes (1972) como os precursores dessa vertente. Os dois desenvolveram estudos de natureza que se tornaram conhecidos como sociolinguística interativa e para tais desenvolveram uma metodologia de estudos herdada da antropologia cultural conhecida como etnografia da fala. Anos mais tarde, porém a linha de investigação recebeu o nome de etnografia da comunicação, por se considerar que a primeira denominação era muito restritiva.

De acordo com Costa (2014, p. 38),

> Essas abordagens, concebendo fala como substituto para todas as manifestações derivadas da língua, tais como fala propriamente dita, escrita, gestos, expressão facial ou outra, conduziram à investigação na relação mais ampla da sociedade, na medida em que a fala, como um dado social qualquer, constrói-se socialmente, de tal sorte que investigar seus diversos usos significa antes de tudo investigar a organização social da qual faz parte.

Observe-se que os dois (Gumperz e Hymes) são contemporâneos de Labov. Portanto, não se pode afirmar que a pesquisa linguística desenvolvida por eles fosse divergente dos trabalhos deste último; pelo contrário, pode ser entendida como uma complementariedade, uma vez que o próprio Labov utilizou os estudos desenvolvidos por aqueles dois para complementar sua teoria, anos mais tarde.

Em vista disso, anos após o surgimento do trabalho pioneiro de Labov, Gumperz desenvolve um trabalho utilizando como método de pesquisa os componentes da antropologia, que ficou conhecido como interacional, por colocar a interação como elemento privilegiado de análise. Tanto Gumperz (1964) quanto Hymes (1972) estudam a língua pelo viés da cultura, sendo a fala da comunidade um elemento constituinte dos valores culturais da comunidade. Para Gumperz (1964) e Hymes (1972), a língua é parte integrante da cultura. Por isso, entender a língua de um povo é, antes de tudo, entender a sua cultura.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005, p. 86).

> Cultura consiste de tudo aquilo que as pessoas têm de conhecer e tudo em que tem de acreditar a fim de operarem de maneira aceitável pelos membros dessa sociedade. Ele vai além, ao associar cultura aos modelos que as pessoas têm em mente para perceber, relacionar e interpretar o que as cerca.

Nesse sentido, a sociolinguística se aproxima dos estudos culturais e antropológicos e se inserem numa tradição de estudos que mais tarde fica conhecida como etnografia da comunicação. O próprio termo etnografia, advindo das ciências sociais, significa o registro escrito dos outros povos. Isso, se tomado em relação aos estudos sociais do século XIX pelos antropólogos daquele período (Bortoni-Ricardo (2005).

Sousa (2014, p. 77) afirma que "a sociolinguística interacional de Gumperz, com desenvolvimento a partir de 1982, estuda todo comportamento social revelado pela linguística". Além disso, conforme a autora, é um estudo essencialmente interpretativista, amparado no que o próprio Gumperz (1964 *apud* Sousa, 2014) chamou de pistas de contextualização, as quais oferecem ao pesquisador a chance de interpretar os sentidos subjacentes do enunciado.

A corrente sociolinguística de inspiração gumperziana toma como base nos estudos interacionais as atividades de fala e as pistas de contextualização. Ainda conforme Sousa, (2014, p. 77) "as pistas de contextualização definidas como um dos elementos centrais na investigação sociolinguística não determina o significado, mas direcionam a interpretação deles que, embora não estejam expressos, estão presentes na interação". Dessarte, em etnografia, não se analisa apenas a fala, mas todos os elementos presentes nas situações interativas, com destaque especial para o contexto.

Como vimos, os dois precursores da Sociolinguística interacional privilegiaram a fala e o processo de interação como o foco de observação e análise. Por conta disso, para se chegar a um estudo que privilegie a análise da fala e do processo de interação, uma das alternativas metodológica é a etnografia, uma corrente teórico-metodológica que tem suas raízes na Antropologia.

A teoria desenvolvida por Hymes (1972 *apud* Bortoni-Ricardo, 2011) leva em conta alguns temas centrais para a pesquisa sociolinguística que serão apresentados, brevemente, a seguir. Os temas centrais da teoria de Hymes são as seguintes: fala, função, comunidades de fala, competência, performance, usuários e liberdade. Discorreremos de modo sucinto sobre a fala comunidade de fala e competência, por serem os conceitos centrais de sua teoria.

Em relação à fala, Hymes (1972 *apud* Bortoni-Ricardo, 2011) diz que a teoria linguística deve ser vista como teoria da língua, em que a fala se apresenta como elemento organizável. Essa forma de conceber o objeto de estudo da linguística comunga com a de Labov e rompe com as ideias estruturalistas que centravam o foco apenas nas gramáticas. Esse conceito fica mais fácil de ser utilizado metodologicamente quando estudado junto com o de comunidade de fala.

A comunidade de fala "diz respeito à organização dos modos de falar da gramática de uma língua", conforme Bortoni-Ricardo (2005, p. 86). Já a competência é considerada uma habilidade pessoal e se refere não apenas ao conhecimento gramatical e sistemático dela. Sendo assim, a competência passa a ser vista como a capacidade de comunicação numa comunidade de fala.

Adiante, aparecerá na teoria de Hymes o conceito de competência comunicativa, uma reformulação do conceito de competência desenvolvido alguns anos antes por Chomsky no gerativismo. Para Hymes (1972), uma teoria que se propusesse a explicar o funcionamento das línguas, tal como Chomsky (1960) propôs, começaria por explicar como a habilidade de falar e ser entendido entre o grupo se constituem. A essa propriedade, Hymes chamou-a de competência comunicativa, um alargamento do conceito de competência chomskyana.

Ressaltamos que a abordagem interacional utiliza a metodologia de análise conhecida como etnografia. Essa corrente teórico-metodológica é herdeira dos estudos antropológicos. Lembramos ainda que etnografia tanto pode ser vista como técnica e como teoria, dada a sua consolidação nos campos de pesquisa antropológica. Neste campo de pesquisa, algumas perguntas são frequentes: Como fazer etnografia? A etnografia serve para quê?

Consoante Geertz (2017), para fazer uma etnografia é necessário, antes de tudo, que o pesquisador se insira numa comunidade pesquisada. A etnografia serve, sobretudo para documentar fatos e situações de interação cotidiana que sejam capazes de desvelar aspectos do comportamento social de um determinado grupo. Por conseguinte, fazer etnografia, que é o trabalho de grande parte de antropólogos, pressupõe a descrição e análise do cotidiano das pessoas de um determinado grupo. A etnografia nunca será completa, embora tente fazer uma abordagem panorâmica da realidade a qual é objeto de pesquisa.

Para estudar a interação em sala de aula, em conformidade com Erickson (1988), um meio possível é a microanálise etnográfica. Esta metodologia é um procedimento de análise gestado nos estudos interacionais que tem como foco ampliar a descrição de determinados fenômenos de natureza interativa. Para dar conta disso, o pesquisador lança mão dos mesmos recursos utilizados na etnografia da comunicação. A diferença aqui reside no fato de a microanálise etnográfica ser mais detalhada, mais apurada, uma vez que o foco recai na sobre as peculiaridades do cotidiano de uma situação interativa, como uma aula, por exemplo.

Este procedimento de análise possui cinco vertentes de influência, implica dizer que agrega contribuições de cinco grandes áreas de pesquisa: da análise de contexto, representado por Bateson, Mead e Hall (1960-70); da etnografia da comunicação propriamente dita, desenvolvida por John Gumperz e Dell Hymes (1974); dos estudos sociointeracionais de Erwing Goffman (1980); da Análise da conversação de Schegloff, Sacks e Jefferson (1978) e; da sociologia das trocas linguísticas de Pierre Bourdieu e Michel Foucault (1980).

Em harmonia com Erickson (1988), A microanálise etnográfica serve para descrever e especificar os processos locais que produzem os resultados nos sistemas educacionais, por meio do registro e documentação em detalhe dos fenômenos educativos que não podem ser captados pela etnografia da comunicação. Esta metodologia é utilizada também para identificar a tipicalidade e a atipicalidade dos fenômenos interacionais observados. É um trabalho bastante intenso e demorado. Logo, só deve ser usado quando o pesquisador se

der conta de que a etnografia comum é insuficiente o seu propósito de pesquisa.

De acordo com Erickson (1988), para ser feita a microanálise etnográfica da interação em pesquisa educacional é necessário que o pesquisador siga alguns passos em comum com a etnografia geral. Tais passos incluem ir ao campo de pesquisa, adquirir a adesão dos participantes da pesquisa, desenvolvendo neles o senso de confiança, posto que, dessa forma, eles não irão se sentir intimidados em relação às filmagens dos eventos interativos. O pesquisador precisa também deixar claro quem irá ter acesso aos dados coletados com o intuito de afastar o receio dos participantes de que alguém indesejado veja-os em situações que podem embaraçá-los.

MÉTODOS E TÉCNICAS DA PESQUISA

Como mencionado na introdução deste estudo, procuramos situar este trabalho no âmbito da sociolinguística interacional, para averiguarmos as contribuições oriundas da etnografia e da microanálise etnográfica. Dada à natureza deste trabalho, procuramos seguir os passos da última ferramenta de pesquisa mencionada, uma vez que se tornou inviável para o escopo da pesquisa fazermos uma etnografia completa. Consequentemente, o foco de nossa pesquisa reside na interação entre a professora e os alunos de uma turma de sexto ano do ensino fundamental de uma escola pública da capital piauiense. Para tanto, elegemos como categorias de análise: os participantes e as regras de interação. Bem como, procuramos estabelecer as tipicalidades e atipicalidades dos fenômenos interacionais, descritos em Erickson (1988), os quais sejam: os fenômenos interacionais mais recorrentes e os menos recorrentes.

Para a geração dos dados utilizamos os seguintes materiais: gravador de áudio e diário de campo. Ademais, fizemos uso de conversas informais entre professores e alunos nos horários de intervalos para compreendermos melhor a linguagem utilizada por eles fora da sala de aula, em virtude disso, a nossa pesquisa tem como foco as interações em contexto de sala de aula.

O ambiente de geração de dados para a pesquisa foi uma Escola Estadual situada no bairro Cabral, na capital piauiense, a saber, Unidade Escolar Marechal Rondon. Nosso acesso à instituição se deu por meio da aprovação da diretora, além de conversas e assinatura de documentos autorizando nossa permanência para pesquisarmos na instituição. Para pesquisarmos as aulas de língua portuguesa, providenciamos as autorizações legais que permitissem o registro dos dados.

Nossa pesquisa foi composta por 11 alunos, sendo 5 meninas e 6 meninos, do sexto ano do ensino fundamental, na faixa etária entre 9 a 10 anos, e uma professora formada em Letras-Português pela Universidade Federal do Piauí. Como a turma era bastante pequena, se considerarmos os padrões quantitativos para formação de turma nos colégios públicos estaduais, resolvemos incluir todos os alunos na pesquisa, após todos concordarem voluntariamente em serem participantes.

Para a geração dos dados fizemos uso de anotações e gravações de áudio, depois do consentimento da professora e dos alunos, a fim de que pudéssemos analisar com mais detalhe o processo de interação presente na sala de aula. Realizamos a observação em 04 (quatros) aulas de língua portuguesa ministrada pela professora.

Cumpre salientarmos que no primeiro dia de aula não registramos nada nem por escrito nem em áudio, pois esse primeiro momento foi apenas um contato inicial com a turma à qual iríamos observar. As anotações foram feitas em 03 (três) aulas ministradas pela professora.

No segundo dia de visita à escola, observamos duas aulas seguidas de língua portuguesa e chegamos à sala antes de a professora entrar, a fim de que pudéssemos instalar o nosso equipamento de áudio discretamente, após a autorização de ambos os participantes. No mais, conversamos informalmente com os alunos e a professora. Nas duas aulas a que assistimos, a professora trabalhou conteúdos relativos à competência textual e o gênero escolhido foi biografia.

No último dia de observação, registramos anotações referentes a uma aula de língua portuguesa. Nessa aula, a professora estava concluindo o conteúdo referente às duas aulas anteriormente observadas. A aula foi dividida em dois momentos: um teórico, com a exposição das características do gênero em estudo e um prático,

em que os alunos foram entrevistar uma das professoras com muito tempo de serviço na escola, a fim de coletar dados para a produção do gênero biografia.

Em nossas análises, apropriamo-nos das seguintes nomenclaturas para preservar o sigilo dos participantes: P(professora); (A – seguido de número ímpar – aluno do sexo masculino); (A – seguido de número par – aluno do sexo feminino). Os números 1, 2, 3,4... fazem referência à ordem de participação no diálogo. As reticências foram utilizadas para ilustrar os fragmentos inaudíveis. Os materiais colhidos para a pesquisa foram especificamente os áudios, os quais foram transcritos e constituíram um corpus para a nossa análise.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS, RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por questão didática, agrupamos os resultados coletados em três subtópicos para facilitar a compreensão. Tais tópicos se referem à primeira, a segunda e terceira aulas. A discussão dos resultados virá também topicalizada, após a apresentação dos dados coletados. Em função dos objetivos delineados para este trabalho, descrevemos os tópicos das aulas observadas, definindo os participantes e as regras de interação.

Primeira aula observada

Na primeira aula observada encontramos um ambiente de sala de aula bastante organizado, apesar de os alunos da turma observada terem ficados dois horários sem atividades em sala. Há espaço para a professora se movimentar entre os alunos. Na primeira aula observada, conseguimos distinguir dois tópicos de eventos de fala. Retiramos dois fragmentos para análise, conforme demonstraremos a seguir.

1º evento: Aula de língua portuguesa, com ênfase nos comandos iniciais de início da aula. Há destaque para os compromissos firmados entre professora e alunos.

***Participantes*:** Alunos e professora.

Regras de interação: Cada aluno se manifesta para colaborar com as perguntas feitas pela professora, sem haver direcionamento dos tópicos da conversa por parte dela.

P: Conseguiu? Vocês ficaram dois horários sem ter aula... né?

A2: Mas a gente tava estudando tia...

P: Mas vocês tinham liberdade pra ir beber água...

A1: Eu bebi... eu bebi

P: Horário da aula... né?... e antes do recreio também, existe pouco tempo pra vocês tá fazendo isso no intervalo... na aula de hoje, nessa sexta, nós vamos fazer a nossa introdução textual do gênero que estamos estudando, biografia... já começamos a leitura de uns textos que o livro de vocês trouxe né?... sem falar das atividades... estudamos...

A3: Tia!

P: Oi?

A3: E aí a nota do Carlos?

P: Sim, eu já coloquei lá no qualitativo dele... e os atrasados vão ter que me entregar na segunda-feira...

A1: Que texto tia?

P: A Ingrid me entregou, o texto da biografia... da atividade que eu passei, já eu te falo...

A2: Eu entreguei, entreguei?

A1: Tia eu etreguei...

P: Não, não tem como eu falar com vocês agora, porque esse qualitativo ele vai ser somado ao final dessa nota né... que é pra ir com a do mês de outubro tá. E no final eu vou dizer a nota de vocês finais, já com os pontos do qualitativo... Como nós vimos já o texto sobre biografia, já conhecemos a estrutura desse gênero textual, como ele é organizado, qual tipo de conteúdo ele...

A1: Ei tia, me dá outro, o meu tá todo amassado...

P: Não...

A3: Gostei tia oh...

P: Vocês tem que ser organizados com o material de vocês, quem foi que amassou esse material aí?

A1: Sei lá...

A3: Foi ele mermo, foi ele mermo...

P: Então, já fizemos a primeira atividade e como na sexta-feira nós combinamos de fazer as atividades do exercício e de produção textual, hoje nós vamos fazer a produção textual da biografia né?... Então é isso, nós vamos iniciar fazendo a leitura do texto sobre a biografia do autor Monteiro Lobato né?...Alguns de vocês aqui já conheciam esse autor?...

Alunos: Já...

P; Já conheciam?

A2; Não..

P: O que que vocês ouviram falar sobre ele? Ou quais livros dele vocês já conhecem?

A3: Eu já li um livro dele tia... eu acho que o pai me deu seis...

A6: Eu conheço ele só de bunito que ele é...

P: A Vitória já leu um livro, qual foi esse livro Vitória?

A3: Eu não me recordo bem... mas eu sei que eu li

A8: Eu já li um livro dele também, também por causa do sítio do pica-pau amarelo...

P: Sítio do Pica-pau amarelo, mas a gente vai...como texto mesmo ou so como o programa que passava lá na globo?

A1: Só como programa que passava na globo...

P: Mas nem o...

A1: Eu nem era fã...

P: Não era fã?

A1; Não, eu só via assim, olha começou o sítio do Pica-pau amarelo aí acabou.

A 2: Era legal...

P: Pois bem, pra quem já conhecia já deve saber...

A3: Ter uma noção...

P: É, ter uma noção sobre a vida dele...

Segunda aula observada

O ambiente da segunda aula observada está um pouco mais agitado, pois é a aula que os alunos estão vindos do recreio e, geralmente a aula desse horário costuma ser mais conturbada, já que os alunos ainda encontram-se empolgados pelas brincadeiras praticadas entre colegas no pátio da escola.

2º Evento: aula de língua portuguesa sobre biografia.

Participantes: professora e alunos.

Regras de interação: A professora vai anotando na lousa as respostas que os alunos dão às suas perguntas. Cada aluno tem liberdade para responder.

P: Isso, local de nascimento, nome completo, data de nascimento e de falecimento e o que mais? .... Em relação a gramática, o que que nós podemos observar também sobre as características da biografia, o que é? Em relação a parte gramatical... nós já falamos disso... o que que a gente pode considerar além desses pontos que vocês já anotaram? ... A Lara fez a recapitulação né?... Tudo que vocês já escreveram... o que mais? Tem um outro ponto aí que vocês não anotaram... psiuuuu!... que é o uso de pronomes possesivos... que também é uma característica... olha aí a Lara lembrou... o uso de

A4: Me aleja não...

P: .... Laura.... o uso de pronomes possessivos... na biografia... anotem isso também...

A6: E pessoais né? ...e pessoais também.

P; Mas os possessivos são mais características do que ele tá falando no texto...

A1: A quinta né?

P: A quinta não, já deve ser a oitava já... qual é o tópico aí que vocês pararam?...

A2; Como é? O uso de pronomes possessivos e pessoais...

A3: Eu tô na quinta Tia...

P: O uso de pronomes possessivos...

A3; Eu to na quinta ainda Tia...

P; Isso, o uso de pronomes possessivos e pessoais, de forma constante né?...

A2: Ei tia, a Tia Marlene disse que ia trazer uns livro pra gente...

P: Depois, depois ela vai trazer... Agora vocês vão construir... Laura... voltando aqui, já anotamos as características... eu vou colocar aqui no quadro o que nós já fizemos... as características do texto, okay né... as principais pelo menos n? Todo mundo anotou?

A5: Sim...

A8: Não, não...

P: ... Anotou, diga aí onde foi que você parou?

A3: Na quinta...

A7: Eu parei na quinta...

A9: Eu parei na quatro Tia...

P: Pera aí gente, calma... deixa ele falar... peguem agora o texto novamente, bora voltando o texto, ai já é outra etapa, não podemos pular etapas... então peguem o texto aí novamente. Nós vamos fazer a ordem cronológica desse texto aí do Monteiro Lobato... a ordem

> cronológica dele... façam aí oh... deixa eu apagar aqui... faz aí uma linha do tempo...
>
> A3; fazer o que Tia?
>
> A1; Linha do tempo...
>
> A2: Ei Tia a senhora vai querer copiado?
>
> P: Linha do tempo... nós vamos fazer uma linha do tempo do texto... uma linha do tempo desse texto aí do Monteiro Lobato... Ítalo mas não é você que ta conversando né... é outra pessoa
>
> A1: É tia como é o nome daquele programa que tem na globo... que é besta... que é depois do almoço...
>
> P: Ah eu não assisto...
>
> A1: Nem eu...

Terceira aula observada

Na terceira aula, depois de várias tentativas, a professora finalmente começa a escrever no quadro a respeito do texto ora explorado. Na lousa, a professora aproveita para construir, juntamente com os alunos, uma linha do tempo com os principais eventos marcantes da vida do biografado Monteiro Lobato.

Evento: Aula de língua portuguesa, com destaque para a construção de uma linha do tempo com aspectos biográficos.

Participantes: Alunos e professora.

Regras de interação: a professora prossegue da mesma forma como nas aulas anteriores, fazendo perguntas e os alunos respondendo espontaneamente. Não há regras claras quanto à participação de cada um.

> P: De tarde...olha aí a linha do tempo, por que que nós vamos fazer a linha do tempo? Quando vocês... Psiu!... Quando vocês forem escrever a biografia vocês vão observar... Quando vocês forem fazer a entrevista as perguntas vão ser feitas de maneira é... desorganizada em relação ao tempo né... que primeiro vai ser um que vai fazer uma pergunta, pode ser sobre a infância, mas pode ser sobre a vida adulta da professora... então aqui vocês vão organizar e tentar anotar em ordem cronológica essa linha do tempo do texto do Monteiro Lobato, a biografia aí que nós acabamos de ler, por que que vocês vão fazer isso? Para usar essa organização do tempo... também o texto que vocês vão escrever, ou então na hora que vocês forem pra esse momento de escrita vocês vão se perder o que é muito comum. Professora

por onde que eu vou começar a escrever? Então oh... você considerar essa informação vai fazer a diferença pra que seu texto tenha objetividade e que ele tenha essa ordem cronológica tá? Iniciando lá com quais informações... quais as primeiras informações que o texto apresentou e que faz parte das características de uma biografia?

Alunos: A data de nascimento...

P; A data de nascimento é a primeira informação que aparece?

A3; Sim, 1882...

P; A primeira de todas, vocês já começam lá?

Alunos; não...

P; O que é que tem primeiro?

A2: O nome professora...

P: O nome... o nome... Então olha só quando vocês forem escrever o texto de vocês, primeiro vai aparecer o que?... o nome... e vou conhecer sobre quem vocês estão escrevendo a biografia...

A3: Tia, o Ítalo falou linha imaginária...

P: Olha aí o nome, eu vou juntar no mesmo grupo aqui de informações do nome as três principais que também são características de toda biografia, além do nome vocês já disseram, a?

A1: A data de que ele foi dormir...

P: Pode ser a data ou no caso do texto ai tem o ano não é...

A5: No caso era o ano que ele acordou e o ano que ele dormiu pra sempre...

P: Olha aí, a data...

A3; Tia como era nome daquela menina que comeu a maçã e dormiu muito tempo?

Alunos; Branca de Neve...

P: A data... Se vocês forem perguntar pra... vai ser o texto, dia, mês e ano... ai no texto de vocês... Psiu!... Thayla... eita mais vocês... desse jeito não vai dá tempo de fazer isso hoje não, vai fazer quarta-feira que a professora só ta aqui de novo quarta-feira...

A3: É pra escrever?

A2: A tia demora um ano...

P: Nome, nome de quem? Do autor ou da pessoa que está sendo biografada?

A1: Autor

P: Nome do biografado ou da biografada... a data com dia, mês e ano, ou no caso do texto aí que nós lemos só tem o que? O ano de nascimento...

A3: E o de falecimento...

P: Isso, Nascimento e de falecimento... então essas são as primeiras informações que vocês também vão utilizar...

A1; Pra anotar é?

P: Sim...

A2: Lógico!

A1: Ah, sabia não...

Discussão dos resultados coletados na primeira aula

Na primeira aula, destacamos que a professora antes de iniciar o conteúdo da aula conversa com os alunos a respeito de algumas pendências que ficaram de aulas anteriores, como a nota de um aluno e um texto que era para ser entregue a ela. Portanto, a aula é dividida em dois momentos: no primeiro, conversa-se sobre as pendências; no segundo, a professora começa a exploração do conteúdo.

O tópico da conversa do primeiro momento da aula é bastante dialógico, não havendo imposição ou cerceamento de fala dos alunos por parte da professora. Os alunos estão livres para participarem da conversa da aula. Queremos dizer que não há autoritarismo de vozes. A aula prossegue o seu curso normal sendo conduzida pela professora de maneira cordial e compartilhada.

Ainda em relação à primeira aula, captamos algumas informações que ajudam a entender melhor o cotidiano escolar. Uma dessas informações diz respeito ao comportamento que a professora espera dos alunos. Pela fala da professora percebemos que tanto ela quanto a instituição escolar valorizam a disciplina, a ordem e a as normas institucionais. Dessa forma, um aluno que amassou uma folha e pede a ela outra, tem negativa como resposta, pois a professora disciplina-os a terem mais responsabilidades com seus pertences.

Outra informação que obtemos pela fala da professora e que foi confirmada pela consulta aos documentos oficiais da escola diz respeito à avaliação feita pelo aluno. Conforme sabemos, a Secretaria de Estado da Educação do Piauí instrui as escolas para que elas avaliem quantitativa e qualitativamente seus alunos. A avaliação qualitativa será feita pela professora, conforme depreendemos da seguinte fala dela: *P: Não, não tem como eu falar com vocês agora, porque esse qua-*

litativo ele vai ser somado ao final dessa nota né... que é pra ir com a do mês de outubro tá.

Portanto, nessa aula observada houve vários momentos de interação, pois, alunos e professora dialogam sobre vários temas, utilizando a fala não monitorada, apesar de a conversação ocorrer em um ambiente formal de aprendizagem. Isso se dá, entre outros motivos, por conta do tópico da conversa, alunos e professores estão conversando ainda sobre o desenvolvimento da aula. A professora ainda está situando os alunos quanto ao que será trabalhado nas próximas aulas.

Entendemos também que o registro utilizado pela professora na primeira aula se deve à própria temática da aula, uma vez que o conteúdo a ser ministrado é o gênero textual biografia, o que exige muita troca dialógica. Implica dizer que a professora não irá prescrever nada ainda e sim comentar sobre o texto que ela levou para ser explorado. Por isso, Percebemos que os alunos ficaram bem a vontade para falar sobre o que era requerido pela professora.

No segundo momento da aula, a professora iniciou a temática biografia, por meio da discussão de um texto biográfico sobre Monteiro Lobato. Nesse momento, a explanação do conteúdo propriamente dito começa. O início da explanação do conteúdo se dá por meio de uma troca de informações entre alunos e o professora. Com a retomada dos passos combinados entre eles, a professora inicia a aula de produção textual sobre biografia. Logo após mencionar que iriam falar sobre a vida de Monteiro Lobato, a professora inquiriu os alunos em relação ao que já sabiam sobre este escritor. Alguns alunos disseram que já o conhecia. Inclusive, uma aluna já tinha feito uma leitura de um dos livros dele.

A aula transcorreu de forma bastante natural, a professora possibilitou aos alunos interagirem com ela no decorrer das atividades da sala de aula. Percebemos que a participação feminina é maior, embora a professora deixe à vontade a participação de ambos os sexos. Constatamos ainda que, apesar de em alguns momentos a interação entre professor e aluno se tornar tensa, os alunos tratam a professora de forma respeitosa, chamam-na de tia, conforme consta na fala da aluna A3.

Quanto ao estilo da fala utilizada pela professora fez uso do registro formal a maior parte das vezes, contanto não monitorava a fala de seus alunos. Acrescentamos a isso o fato de que tanto a professora como os alunos sabiam que estavam tendo suas falas gravadas para uma posterior análise. Consideramos essa atitude da professora como positiva para que os alunos ficassem mais desinibidos ao falar, pois sabemos que a monitoração da fala é um dos entraves à expressão oral por parte de algumas pessoas.

Uma das estratégias que a professora utilizou para o desenvolvimento de sua aula foram perguntas fechadas ou até mesmo retóricas, já que esse tipo de questionamento facilita a conversação. Um dos traços típicos desse evento de fala é o uso da primeira pessoa discursiva no plural. Este recurso indica aos alunos que a professora se envolverá nas atividades e isso ajuda a desenvolver a confiança dos alunos no momento da produção textual, dessa forma, eles não se sentirão desamparados, já que será uma atividade a ser construída entre aluno e professora.

Neste sentido, podemos afirmar que a primeira aula da professora foi produtiva, posto que ela conseguiu desenvolver com os alunos, por meio de um texto biográfico de Monteiro Lobato, as ideias básicas do gênero textual biografia. Apesar de alguns deslizes cometidos pelos alunos durante a aula, nesse primeiro momento, a aula transcorreu tranquila. Não identificamos nenhuma sobreposição de fala, bem como os alunos não atrapalharam intensivamente o prosseguimento da aula. Por conseguinte, aos poucos, a competência comunicativa dos alunos vai sendo construída, pois a professora aliou leitura, fala e escrita na condução de sua aula. E a cultura do disciplinamento vai se instituindo aos poucos, por meio de gestos e ações da professora.

Discussão dos resultados coletados na segunda aula

A segunda aula mais tensa do que a primeira. Ainda assim, a professora procurou manter a mesma regra de interação, continuou fazendo as perguntas e os alunos respondendo voluntariamente. Pelas perguntas e respostas dos alunos a professora constatamos que a noção de gênero textual trabalhado por ela é aquele ligado às carac-

terísticas recorrentes, porque ela procura as estruturas recorrentes do gênero biografia para, a partir delas, ensinar como se constrói a biografia. A professora elencou como características estruturais da biografia as informações que aparecem na maioria desse gênero: local de nascimento, profissão, carreira, dentre outras.

A preocupação da professora em aliar os conhecimentos gramaticais à produção textual biografia, foi algo que avaliamos como positivo. Ao proceder desse jeito, os alunos aprenderam como os estudos gramaticais se encaixam na produção textual. É constante a preocupação da professora em demonstrar o uso dos pronomes já que, segundo ela, essa categoria gramatical é muito utilizada no gênero textual biografia.

Um dos fatores que dificulta a interação entre a professora e os alunos nesse momento da aula é o barulho provocado tanto pelos alunos como por ruídos internos à sala de aula, no caso os ventiladores. Fazendo com que ela "se perdesse" na sequência de anotações das características do gênero ora estudado, conforme atesta a fala dela: *A quinta não, já deve ser a oitava já... qual é o tópico aí que vocês pararam?...*

Numa tentativa de conter as conversas paralelas entre os alunos, a professora muda alguns alunos de posição na sala. Porém, o efeito dessa atitude da professora não é duradouro, demora pouco tempo para que eles comecem a conversar entre si novamente. Os alunos que são trocados são dois do sexo masculino. Essa atitude da professora se dá antes de ela ir ao quadro para fazer a linha do tempo do texto biografado. Para a professora, a situação é bastante desagradável, mas necessária para continuação da aula.

Nessa aula, ao invés de usar a primeira pessoa do discurso no plural conforme fizera na primeira, ela utiliza a terceira. Tal fato pode apontar um distanciamento da professora em relação às atividades que serão desenvolvidas em seguida. Esse distanciamento pode ser explicado pelo barulho provocado pelos alunos, deixando a professora em estado de ânimo nervoso e não colaborando, portanto, para uma troca de conhecimento mais saudável. Momentos depois ela retoma o uso da primeira pessoa do plural.

No geral, verificamos que a participação da maioria dos alunos se dá de forma bem efetiva, apesar dos tumultos provocados por al-

guns. A interação entre professora-alunos é calcada com base no respeito e na disciplina, pesar de muitos alunos quebrarem "os códigos" de conduta específico de sala de aula. Outra observação importante diz respeito à metodologia utilizada pela professora, pois tanto nessa aula quanto na primeira ela se vale da oralidade apenas como o principal recurso a utilizar com os alunos. Tal fato, se mal conduzido, desencadeia uma série de problemas, como os já elencados nessa análise.

Ressaltamos, por fim, na análise desta aula que este registro se deu após a leitura compartilhada do texto selecionado pela professora a ser trabalhado em sala. O próprio ritual da leitura do texto já começou com alguns empecilhos, pois alguns alunos se mostraram resistentes a fazer a leitura, bem como houve a disputa por parte de alguns. Fato que, depois de um longo processo de negociação a respeito de quem lia e qual parte, a professora conseguiu contornar e levar a aula adiante. Por isso, a ideia de que a aula após o recreio é muito conturbada se manteve aqui, porquanto foi uma aula em que a troca de interação foi bastante dificultada pelo barulho e indisciplina escolar por parte de alguns alunos, principalmente os do sexo masculino.

Discussão dos resultados coletados na terceira aula

A terceira aula segue os moldes das anteriores, a professora desenvolve sua aula de modo dialogado. Contudo, após traçar uma linha do tempo para elaborar um roteiro de construção da biografia, a professora propõe que os alunos se dirijam a outra sala para entrevistar uma das professoras da escola. Os alunos se organizam e seguem para outra sala, cada aluno fez a pergunta que elaborou para professora entrevistada. Ela respondeu a todos com muita prontidão. Na sequência, os alunos, a professora e nós (observadores) retornamos a sala de aula da turma. A professora reorganizou na lousa as ideias da entrevista para que cada aluno e aluna copiasse e produzisse seu texto, a biografia da outra professora.

A tentativa de dinamizar a aula e envolver os alunos foi deveras importante, a medida que a professora instigou os alunos a responderem o que deveria ser colocado, a ordem cronológica que deveria ser seguida, contribuiu para a construção do conhecimento dos

alunos. Ao selecionar as informações coletadas e reorganizá-las de modo compartilhado, a aprendizagem tornou-se mais significativa.

Com esse propósito, a professora, primeiramente, promoveu o contato deles com a biografia de Monteiro Lobato, autor muito conhecido, mas que de certa forma é um pouco distante da realidade deles, gerando algo quase abstrato porque não foram eles quem escreveram aquele texto. Em razão disso, ao proporcionar a vivência de entrevistarem alguém, de serem os protagonistas da história; de coletarem os dados, de investigarem a vida da entrevistada para produzirem seus textos biográficos, certamente, fez muita diferença.

Dentre tantas coisas, essa atitude promoveu o lugar de fala e uma competência comunicativa, visto que cada aluno formulou sua pergunta, fez a pergunta, corroborando a ideia de saber o que falar e como falar com quaisquer interlocutores em qual seja as circunstâncias. Bortoni-Ricardo (2008, p. 39) afirma que "o principal componente na proposta de Dell Hymes é a inclusão da noção de adequação no âmbito da competência linguística."

Em função disso, o usuário de uma língua aplica tanto as regras estruturais dessa língua com a intenção de formar sentenças bem elaboradas quanto observa em sua cultura como é processada essa adequação da fala. Sintetizando, todo falante intuitivamente buscará dependendo de seu propósito comunicativo as palavras certas para usar em cada situação de interação comunicativa.

A elaboração do roteiro coletivo mostrou-nos que a professora aproveitou essa excelente oportunidade para direcionar a atenção dos alunos para as características específicas de um texto biográfico. Ela salientou a reorganização estrutural desse gênero e conduziu com primazia a proposta da produção textual.

CONCLUSÕES

Em suma, verificamos que a construção do conhecimento na turma do 6° Ano da Unidade Escolar Marechal Rondon, localizada no bairro Cabral em Teresina-PI ocorre pelo processo de interação desenvolvida em um contexto de uma aula dialogada. Os resultados desta pesquisa apontam que a dinâmica da sala de aula e a relação en-

tre a professor e o aluno passam por um processo de transformação gradual na condução do ensino, sinalizando uma interação maior entre professora e alunos.

Inicialmente a professora cumprimentou a turma, distribuiu os textos e fez uma sondagem do que é Biografia. Em instante algum houve imposição na proposta da leitura compartilhada em sala de aula, inclusive, os alunos disputaram a vez entre si na leitura dos parágrafos. Alguns alunos responderam às questões introdutórias da temática, enquanto outros não responderam e nem atrapalharam o desenvolvimento da aula.

A professora conhece todos os alunos e sabe o nome de cada um. Isso é um dos aspectos que indicam o nível elevado de interação da professora com a turma e da turma com a professora. Os alunos que leram demonstraram um domínio na leitura. Findada a discussão, a professora fez uma recapitulação com a ajuda dos alunos, ratificando que a aula foi dialogada.

Julgamos outro fator interessante nesse processo de interação; ao final da aula um dos alunos entregou um presente para professora. Segundo ele, era um presente pela passagem do aniversário dela. Ela gostou muito da camiseta, nesse átimo, vimos o quanto ela é querida naquela turma. Provavelmente, essa interação toda decorra do fato de ela ser bem jovem, com uma idade mais próxima da idade deles em comparação as demais professoras, de ser carismática, de respeitar e de dá atenção a eles.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO: *Nós cheguemu na escola, e agora*?: Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO: *O professor pesquisador:* introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de sociolinguística.* São Paulo: Contexto, 2017.

COSTA, C. S. S. M. Variação/diversidade linguística, oralidade e letramento: subsídios para propostas alternativas de ensino de língua materna. *In:* COSTA, C. S. S. M (org). *Variação, diversidade linguísti-*

ca, oralidade e letramento: escola e comunidade. Teresina-Pi: Editora EDUFPI, 2014.

ERICKSON, Frederick. *Descrição etnográfica.* Trad. De Carmem Lúcia Guimarães de Mattos. Nova York, [s.e], 1988.

ERICKSON, Frederick. *Microanálise etnográfica.* Trad. De Carmem Lúcia Guimarães de Mattos. Nova York, [s.e], 1988.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa. Por uma teoria interpretativa da cultura. *In:* GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2017.

NASCIMENTO, Juscelino Francisco do. PEREIRA, Andressa Maria Abreu. Oralidade e ensino em sala de aula: desafios no ensino de língua materna. *In:* COSTA, C. S. S. M (org). *Variação, diversidade linguística, oralidade e letramento: escola e comunidade.* Teresina-Pi: Editora EDUFPI, 2014.

SOUSA, Valduce Ribeiro Sousa. Uma abordagem sociointeracionista a partir da fala. *In:* COSTA, C. S. S. M (org). *Variação, diversidade linguística, oralidade e letramento: escola e comunidade.* Teresina-Pi: Editora EDUFPI, 2014.

ROCKWELL, Elsie. Etnografia e teoria na pesquisa educacional. *In*: EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa participante*. São Paulo: Cortez, 1986.